



**XVIII ENANPUR**  
NATAL2019  
27 a 31 maio

## **CITTÀ SANT´ANGELO: PRESERVAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO - O (re)conhecimento do patrimônio cultural edificado da comuna italiana por meio do caminhar**

### **Autores:**

Gersica Vasconcelos Goes - Universidade de Fortaleza - [gersica@unifor.br](mailto:gersica@unifor.br)

Monique Lessa Vieira Olímpio - Universidade Federal Rural do Semi-Árido -

[jm.moniquelessa@gmail.com](mailto:jm.moniquelessa@gmail.com)

### **Resumo:**

Este trabalho aborda a questão do (re)conhecimento do patrimônio cultural edificado de uma cidade por meio do ato do caminhar. Acredita-se que este método permite apreender as permanências e transformações existentes na forma urbana das cidades. Apresentamos a narrativa do caminhar pela cidade de Città Sant´Angelo (Itália), que permitiu reconhecer seu patrimônio e analisar criticamente as intervenções contemporâneas realizadas. A cidade preserva elementos que caracterizam sua conformação urbana tipicamente medieval: cinta muraria e seus portões, vielas estreitas com suas perspectivas pitorescas, e igrejas que tiveram um importante papel na formação da cidade. Observou-se a relação respeitosa que a arquitetura contemporânea se integra com a paisagem da cidade, que apesar de se revelarem como “ato do nosso tempo” não interferem na ambiência de valor patrimonial e, conseqüentemente, seu reconhecimento. Outro fator de destaque é a acessibilidade a área histórica, que privilegia a fruição do espaço público a todas as pessoas.

# CITTÀ SANT'ANGELO: PRESERVAÇÃO x TRANSFORMAÇÃO

O (re)conhecimento do patrimônio cultural edificado da comuna italiana por meio do caminhar

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a questão do (re)conhecimento do patrimônio cultural edificado de uma cidade por meio do ato do caminhar. Acredita-se que este método permite, através da lógica do tempo lento, apreender as permanências e transformações existentes na forma urbana das cidades. A cidade possui o que Milton Santos (2006) conceitua de “rugosidades”, estas se constituem como os resultados impressos na paisagem e no espaço construído que representam o processo de acumulação, realização, ou seja, as transformações sociais e técnicas do passado e que possibilitam no tempo presente o reconhecimento e aprendizado desses momentos de outrora.

Partimos da reflexão realizada por Tiesdell, Oc e Heath (1996) ao identificarem um conjunto de valores inerentes às áreas históricas, dos quais destacamos o “valor de continuidade da memória cultural” ou “valor de patrimônio”:

Evidências visíveis do passado podem contribuir pedagogicamente e educacionalmente para a identidade cultural e a memória de determinado povo ou lugar, localizando a sociedade contemporânea em relação à tradição anterior e dando sentido ao presente através da interpretação do passado (TIESDELL, OC E HEATH, 1995, p.15)<sup>1</sup>.

Os centros históricos (ou áreas históricas) são vistos, portanto, como produto e fonte de memória/identidade (individual e coletiva). Logo, é imprescindível que tais áreas sejam conservadas/preservadas como forma de evitar o “esquecimento”. Sendo também impossível desvincular a preservação dos centros históricos da necessidade de uso desta parcela das cidades. Nesse sentido, é necessária uma constante reflexão sobre preservação e sua relação com a contemporaneidade; com a memória do passado e a inevitável transformação do presente.

Logo, o texto aborda, primeiramente, a questão da preservação dos centros históricos das cidades sem, contudo, desconsiderar a necessidade de modernização das

---

1 No original: Visible evidences of the past can contribute pedagogically and educationally to the cultural identity and memory of a particular people or place, locating a contemporary society in relation to a previous tradition and giving meaning to the present by interpreting the past.

mesmas. Portanto, utiliza como premissa básica a relação dialética entre a necessidade da preservação/conservação (da história, memória e identidade cultural de uma cidade) e de uso, ou seja, sua modernização (adaptação à vida contemporânea).

Acrescentamos que apesar do valor ou da identidade cultural de uma cidade transcender o aspecto material e agregar outros tantos valores relativos aos bens culturais ao seu espectro, quando nos referimos a uma área histórica preservada e de valor patrimonial, estaremos, no âmbito deste trabalho, focando no aspecto material.

Neste mesma linha de pensamento, Musso (2015, p.96) acrescenta que história, memória e esquecimento têm uma relação complexa com as características físicas dos artefatos [edifícios, por exemplo] e dos lugares<sup>2</sup>. Portanto, as intervenções contemporâneas (que viabilizam o uso e fruição destas áreas) devem balizar os conflitos existentes entre memória, identidade e transformação.

É neste contexto (preservação x modernização) que apresentamos a narrativa do percurso realizado em uma comuna italiana, de valor histórico e cultural, chamada de Città Sant'Angelo. Este recurso metodológico proporcionou o (re)conhecimento do patrimônio da cidade. Sendo possível também analisar criticamente as intervenções contemporâneas realizadas na cidade, observando se as mesmas consideram a importância de harmonizar os conflitos entre memória/história, preservação e modernização. Para isto, são considerados os aspectos materiais, observados no percurso realizado, capazes de identificar: a preservação (valorização), transformação do seu tecido urbano e edificado<sup>3</sup>.

## A RELAÇÃO: PRESERVAÇÃO X MODERNIZAÇÃO DOS CENTROS HISTÓRICOS<sup>4</sup>

O interesse para preservação de elementos representativos de gerações passadas não é recente. É consenso entre diversos autores que foi a partir do Renascimento que se observou um claro interesse pela proteção de bens do passado, acentuando-se principalmente na Europa do século XVIII com o advento da Revolução Industrial, do Iluminismo e com a Revolução Francesa<sup>5</sup>.

Inicialmente as questões relacionadas à preservação estavam voltadas apenas aos edifícios. É somente a partir da segunda metade do “Ottocento” que o tema da preservação se alarga do edifício as cidades. A bibliografia sobre o assunto relaciona o amadurecimento da preservação das cidades (centros históricos) a alguns aspectos relacionados à modernização, tais como: salubridade, aumento da densidade e tráfego de veículos, que se impostaram frente à estrutura, malha estreita e irregular dos centros históricos, promovendo uma necessidade de adaptação das cidades às demandas ditas modernas.

---

2 Storia, memoria e oblio hanno infine legami complessi con i caratteri fisici dei manufatti i luoghi [...].

3 A visita à Città Sant'Angelo foi realizada por Monique Lessa Vieira Olimpio e se deu durante o período do estágio doutoral (anos 2018 e 2019) realizado com bolsa para o nível de formação doutorado, modalidade Doutorado Sanduíche no Exterior – CAPES.

4 Item baseado no livro RENELLUCCI, Sandro. Il Restauro Urbano: Teoria e prassi. Torino: UTET Libreria: 2003.

5 Entre outros autores podemos destacar as contribuições de Choay (2006), Kühl (2009), Scocuglia (2004) e Torelly (2012).

Uma primeira solução (para resolver estas demandas da modernização) foi àquela adotada em Paris no tempo de Napoleão III, o Barão Haussmann (1809-1891) realizou um vasto programa urbanístico que promovia a abertura de novas estradas retilíneas (*Boulevards*) frente ao tecido urbano antigo. Este modelo foi seguido por várias cidades europeias, que adotaram a prática do *sventramento*, ou seja, de cortes internos na malha urbana da cidade.

Durante este período, se desenvolveram várias manifestações contra os princípios de Haussmann, se destacando a figura do austríaco Camillo Sitte (1843-1903) no ano de 1889 ao escrever *A arte de construir as cidades*, que não era um escrito sobre a conservação das áreas históricas da cidade, mas um tipo de guia para a projeção de novas cidades e das novas periferias que interpretava e objetivava manter vivo o “espírito” da cidade antiga. Contudo, apesar de não tratar a questão da conservação dos centros históricos, a teoria de Sitte vai ecoar em toda a Europa durante este período de necessidade de renovação das cidades.

Um dos personagens a quem se atribui esta influência é Gustavo Giovannoni (1873-1947), que promove uma teoria de intervenção nos centros históricos exposta em dois escritos - *Il diradamento nei vecchi centri* e *Vecchie città ed edilizia nuova*- ambos publicados no ano de 1993 na revista ‘Nuova antologia’. O autor alerta para o perigo dos “*svetramentos*” indiscriminados, pois tal prática poderia provocar o cancelamento de partes importantíssimas da história das cidades.

Em sua teoria, Gustavo Giovannoni, tinha a intenção de promover uma integração entre a cidade antiga e a moderna, sendo inevitável uma certa “flexibilização” da cidade antiga para atender a demandas modernas, mas esta modernização deveria preservar sua identidade.

A importância e influência da teoria de Giovannoni está relacionada, por exemplo, a publicação da Carta de Atenas (1931). Este documento recomendava o respeitar “na construção de edifícios, o caráter e fisionomia da cidade, sobretudo na vizinhança dos monumentos antigos, cuja proximidade deve ser objeto de cuidados especiais”. Ou seja, valoriza a questão do respeito da nova arquitetura em relação ao contexto em que está inserida. Algo que neste trabalho trataremos como “integridade”.

Com relação ao reconhecimento, preservação e uso das áreas históricas é imprescindível destacar a Declaração de Amsterdã (1975). Este documento contribui para a reflexão sobre a Conservação Integrada ao apontar que a “conservação do patrimônio arquitetônico deve ser considerada não apenas como um problema marginal, mas com o objetivo maior do planejamento das áreas urbanas e do planejamento físico territorial”.

A Declaração de Amsterdã (1975) também pondera que “o patrimônio arquitetônico não sobreviverá a não ser que seja apreciado pelo público e especialmente pelas novas gerações”. Logo, afirma a questão da participação e usabilidade das pessoas para uma eficaz preservação das áreas e edifícios de valor patrimonial.

A questão da participação dos diversos envolvidos no processo de identificação e significação dos bens de valor patrimonial também será abordada por Muñoz Viñas (2005), em sua obra, “Contemporary Theory of Conservation”.

Outro documento internacional que ganha destaque no debate sobre a preservação de áreas históricas é a Recomendação de Nairóbi (1976), apresentando o conceito de “ambiência” dos conjuntos históricos ou tradicionais como “o quadro natural ou construído que influi na percepção estática ou dinâmica desses conjuntos, ou a eles se vincula de maneira imediata no espaço, ou por laços sociais, econômicos ou culturais”. E ainda recomenda que tais áreas devam ser conservadas em sua integridade.

Diante do exposto, podemos afirmar que, ao longo dos anos, muitas contribuições teóricas e publicações de documentos patrimoniais surgiram para cooperar para a questão da preservação de áreas e edifícios históricos, e sua adaptação à vida contemporânea. Sabemos que este breve tópico não expõe todas estas contribuições, mas optamos por abordar (simplificadamente) aquelas que estão diretamente relacionadas à nossa metodologia de (re)conhecimento do patrimônio cultural de uma cidade, por meio do caminhar.

## O CAMINHAR COMO MÉTODO DE RECONHECIMENTO DO PATRIMÔNIO CULTURAL EDIFICADO DE UMA CIDADE<sup>6</sup>

A análise do espaço urbano a partir do caminhar foi uma experiência que ocorreu ao longo de todo o século XX. No ano de 1921, o movimento ligado ao dadaísmo, organizou na França um conjunto de “visitas-excursões” aos espaços mais triviais de Paris. Este foi o primeiro momento em que a arte rejeitou os espaços mais nobres da cidade e seguiu ao encontro da alteridade urbana (CARERI, 2013b).

A temática do andarilhar adquiriu novos enfoques na década de 1950, no contexto da Internacional Situacionista em 1957, onde legitimou-se que a ação de deambular-se e perder-se na cidade era uma possibilidade da antiarte e uma forma de subversão do sistema capitalista do pós-guerra. Para eles, o caminhar sem rumo conduziria a uma “construção consciente e coletiva de uma nova cultura” (CARERI, 2013b).

No começo, as expressões coletivas da deriva eram frutos de experimentações provenientes do campo literário. Segundo Careri (2013b, p. 113):

As formas coletivas da visita, da deambulação e da deriva eram, de fato, experiências nascidas em âmbito literário, e literário era o fio que ligava Tzara, Breton e Debord. [...] Nos anos sessenta, foram os artistas

---

<sup>6</sup> Revisão bibliográfica desenvolvida por Gersica Vasconcelos Goes para a tese de doutorado em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGAU-UFRN) intitulada provisoriamente de “PERCURSOS URBANOS: (RE) CONHECER O PATRIMÔNIO CULTURAL A PARTIR DO CAMINHAR”.

interessados no espaço teatral das performances e dos happenings urbanos de derivação dada que tiraram consequências dessas pesquisas; mas também o fizeram os escultores que olham para o espaço da arquitetura e da paisagem. Nas artes visuais, o retorno ao caminhar é parte integrante de uma mais genérica expansão da escultura. Os artistas dão passos que parecem voltar a percorrer para trás todas as etapas que levaram do percurso errático ao menir e do menir à arquitetura. Pode-se constatar nas suas obras uma linha lógica que passa pelos objetos minimalistas (o menir), pelas obras territoriais da land art (a paisagem) e pelas errâncias dos artistas da land art (o caminhar). É uma linha que liga o caminhar ao campo de atividade que atua como transformação da crosta terrestre, um campo de ação comum à arquitetura e à paisagem. Para se realizar essa passagem é preciso encontrar um campo de ação vazio, em que estão ausentes os sinais da história e da cultura: os desertos e os terrains vagues das periferias abandonadas.

Mais recentemente, observa-se que há uma inquietação por parte de alguns pesquisadores em retornar ao campo de estudo, não se afastando do objeto empírico, mas indo ao encontro dele, ou seja, “colocar o corpo em campo” (THOMAS, 2012). E uma das formas de ter esse resultado, é retomando o caminhar como metodologia de apreensão da cidade.

Essa visão é defendida por autores como Francesco Careri e Paola Jacques, ambos reconhecem e sustentam o caminhar como uma ferramenta de intervenção e estudo urbano.

Careri (2017) no livro “Caminhar e Parar” propõe o método deambulatório, que segundo o autor, é a forma mais participativa, permitindo a leitura e transformação das cidades, diferentemente da maneira convencional baseada em mapas zenitais, zoneados, estáticos, pois para ele trata-se de “[...]um relato fenomenológico evolutivo, descrito de um ponto de vista horizontal, colocado em movimento graças ao caminhar por entre as dobras da cidade: o survey walk.”(CARERI, 2017, p.102).

A errância urbana, além de ser uma das formas de apreender a cidade em uma escala mais próxima, sentindo e afirmando suas qualidades e problemas, é uma maneira de poetizar o urbano e de narrá-lo. Em outras palavras, significa trazer a temática da cidade como uma narrativa, característica que está se perdendo com a pragmatização da análise urbana utilizada nos métodos mais tradicionalmente trabalhados nos projetos e estudos urbanos.

Paola Jacques (2012) defende que o errante ruma ao encontro das diferenças da cidade, enxergando-a como um cenário de vivências. A autora disserta que: “[...] Através das narrativas errantes seria possível apreender o espaço urbano de outra forma, pois o simples ato de errar pela cidade cria um espaço outro, uma possibilidade para a experiência [...]”. (JACQUES, 2012, p.23).

Soma-se a esse olhar, o de Clewton do Nascimento (2013) no livro “(Re)descobriram o Ceará?”. Na obra, o autor utiliza o procedimento metodológico da caminhada como forma de observação das transformações nos centros urbanos de Barcelona, Icó, Paris e Sobral<sup>7</sup>. Para Nascimento (2013), um observador atento à forma urbana, é capaz de perceber no espaço às contradições, permanências e modificações pela qual a cidade passa.

Outro autor que aborda esta metodologia é Gabriel de Andrade Fernandes (2016) que articula no artigo, “Urbanos como prática patrimonial no CPC: relato da experiência de 2015”, a questão do caminhar como uma das formas de reconhecer o patrimônio cultural de forma mais ampla.

A partir do exposto, reafirmamos a necessidade de articulação entre o caminhar e apreender a cidade. Lembrando que, nosso caso, esse metodologia será aborda na apreensão do patrimônio cultural edificado (abordando os aspectos de preservação e modernização) da comuna italiana chamada de Città Sant’Angelo.

## CITTÀ SANT’ANGELO: HISTÓRIA, PRESERVAÇÃO E (RE)CONHECIMENTO DO PATRIMÔNIO CULTURAL EDIFICADO

Neste item apresentaremos primeiramente um breve resumo da história da cidade, destacando os acontecimentos mais importantes que influenciaram o seu desenvolvimento urbano. Apresentaremos também os aspectos observados durante o percurso realizado ao centro histórico da cidade, e por fim faremos a narrativa deste percurso, analisando criticamente as intervenções contemporâneas realizadas na cidade e se as mesmas são capazes de balancear os conflitos entre memória/história, preservação e modernização.

### História da cidade<sup>8</sup>

Città Sant'Angelo é um burgo da região de Abruzzo localizada no município da província de Pescara (Itália). Situa-se nas colinas de Abruzzo e a uma curta distância da costa do Mar Adriático. É uma cidade que devido a sua localização (em uma colina de 322m de altitude) possui fortes relações com a paisagem circundante (Figura 01).

As origens de Città Sant'Angelo ainda são muito incertas. Alguns achados arqueológicos atribuem suas origens ao tempo dos romanos, mas o primeiro ato oficial que

---

7 No livro, o autor trabalha com os sítios cearenses de Icó e Sobral, ambos tombados como conjunto urbano pelo IPHAN. Discute a questão dos programas governamentais em ações de preservação/valorização que inserem essas cidades na ótica do capital e da gestão empresarial. Nascimento (2013) realiza um percurso urbano nas cidades europeias de Barcelona e Paris, que apesar de possuírem realidades distintas das brasileiras, são sítios que passaram por transformações urbanas estabelecendo a dicotomia da preservação e da modernização (conservação integrada).

8 Este breve histórico foi desenvolvido com base nos seguintes documentos: Notizie storiche di Città sant'Angelo (Meletti, Domenico, 1889); Federico 2. e Citta Sant'Angelo (Gallerati, Carlo, 1995). E também no site da prefeitura <https://www.comune.cittasantangelo.pe.it/> (acesso em: 10 de novembro de 2018).

cita a comuna data do dia 13 de outubro de 875. Neste documento, o imperador Ludovico II concedeu um privilégio ao Mosteiro de Casauria no lugar chamado Civitate S. Angeli, local onde havia um castelo e um porto.

Na história volta-se a falar sobre Città Sant'Angelo em 1239, período em que foi destruída por ordem do imperador Federico II de Hohenstaufen. Posteriormente, este mesmo imperador concede aos sobreviventes o direito de reconstruir a aldeia.

Figura 01: Vista da Città Sant'Angelo situada nas colinas de Abruzzo



Fonte: Graziano Romanelli (<https://visitcittasantangelo.it>)

A partir deste momento, se relaciona o desenvolvimento urbano da cidade por momentos históricos diferentes: o primeiro refere-se à reconstrução, iniciada após 1240, do núcleo semicircular fortificado, atualmente limitado por Strada Castello, Strada Minerva, Via del Ghetto e Via del Grottone (Figura 02).

Após este período a expansão da cidade se deu para o lado leste, com a chegada das ordens monásticas na primeira metade do século XIV, proporcionando a expansão das igrejas existentes e a construção de mosteiros. Estas edificações religiosas possuem grande influência na configuração urbana da cidade (conforme apresentaremos por meio de fotos no item “A narrativa do percurso errante e a identificação dos aspectos observados”).

E por fim, no século XVII, a reconstrução terminou com a conclusão de casas e edifícios nobres da burguesia agrária, formando uma forte coagulação urbana determinando o arranjo do centro histórico como o vemos hoje, composta por uma série de ruas estreitas e vielas dentro das muralhas defensivas que circundavam a cidade - traçado urbano tipicamente medieval (Figura 03).



Outro fato a destacar sobre a cidade é que entre os anos de 1300 e 1700, Città Sant'Angelo, apesar dos numerosos ataques dos franceses e espanhóis, continuou sua expansão. No Tratado de Aachen de 1748 a cidade passou definitivamente ao Reino de Nápoles até a Unificação da Itália. Em março de 1814, Città Sant'Angelo juntamente com os municípios de Penne, Castiglione Messer Raimondo e Penna Sant'Andrea foram os protagonistas do primeiro levante carbonara do Risorgimento italiano.

Figura 02: Mapa do centro histórico da Città Sant'Angelo, com destaque em vermelho delimitando a área por onde se iniciou a reconstrução



Fonte: <https://www.comune.cittasantangelo.pe.it/>, adaptados pelas autoras

Figura 03: Mapa da Città Sant'Angelo – com destaque para a área reconhecida como centro histórico



Fonte: <https://www.comune.cittasantangelo.pe.it/>, adaptado pelas autoras

Hoje, conforme veremos, nos itens a seguir, a cidade mantém boa parte de sua configuração original, sendo reconhecida como de valor artístico e cultural para esta região da Itália. No próximo tópico apresentaremos os aspectos observados no percurso realizado pelo centro histórico da cidade e, por fim, a narrativa deste trajeto.

## Aspectos a serem observados no percurso errante

Ao interesse para a preservação de áreas históricas soma-se uma gama de fatores. Primeiramente, por sua condição de patrimônio cultural, com significados e representações, e depois pela adequação dos espaços antigos a novos usos, que muitas vezes necessitam de novas instalações, para garantir a segurança e a possibilidade de um uso atual. Logo, as intervenções contemporâneas devem buscar o alcance de uma relação dialética entre a necessidade da preservação/conservação (dos valores patrimoniais identificados) e da modernização (adaptação à vida contemporânea) destas áreas objetos de salvaguarda (OLIMPIO, 2015).

Já se observa desde a Carta de Amsterdã de 1975, a necessidade de ampliar o entendimento do patrimônio cultural associando-o ao meio-ambiente e às questões sociais (OLIMPIO e GOES, 2016). Portanto, apesar das discussões atuais estarem mais voltadas para questões da manutenção das características dos bens é importante também preconizar que intervir em um centro histórico é projetar por uma utilidade ampliada. Ou seja,

Não há dúvida de que a “valorização” [...] deve também levar em conta os aspectos qualitativos essenciais do espaço: a acessibilidade, a usabilidade, o conforto ambiental e a segurança do maior número possível de pessoas (VESCOSO, 2009, p. 35)<sup>9</sup>.

A seguir apresentamos os aspectos observados no percurso realizado, capazes de identificar a preservação (valorização) e transformação do tecido urbano e edificado, relacionando-os com a usabilidade.

### 1. Valorização, uso e caminhabilidade

A palavra “valorização” derivada de “valore” e está constantemente associada a moral e economia. Entretanto, o termo valorização, associado a áreas e edifícios históricos, vem, ao longo dos anos, adquirindo novos significados – especialmente relacionado à sua utilização e fruição pública (STRAPPA, 2009).

Muñoz Viñas (2005), em sua obra, “Contemporary Theory of Conservation”, argumenta para que se consolide a preservação efetiva do acervo histórico remanescente na forma urbana, é necessária a participação dos diversos envolvidos no processo de identificação e significação dos bens de valor patrimonial. Ratifica-se, portanto, que a síntese das vivências dos diversos sujeitos participantes desse processo, ou seja, a intersubjetividade

---

<sup>9</sup> No original: Non c'è dubbio che la “valorizzazione” degli immobili debba anche tener conto di essenziali aspetti qualitativi degli spazi: l'accessibilità, la fruibilità, il comfort ambientale e la sicurezza del maggior numero possibile di persone.

é um dos elementos essenciais para a valoração da representatividade do patrimônio cultural. Portanto, defende-se atualmente que a conservação não deve se constituir como uma ação centrada nos trabalhos somente dos técnicos, mas que possua o envolvimento de outros indivíduos (NASCIMENTO e VIEIRA, 2012).

Nesse sentido, é imprescindível relacionar a utilização e fruição pública dos centros históricos ao tema da caminhabilidade. Sobre este último, Jan Gehl (2013a) tece algumas observações acerca do crescimento urbano ocorrido nas cidades de uma forma geral, que além de terem diminuído as possibilidades de trajeto para os pedestres, limitou os usos culturais e sociais do espaço urbano. Para o autor: “A tradicional função do espaço da cidade como local de encontro e fórum social para os moradores foi reduzida, ameaçada ou progressivamente descartada.” (GEHL, 2013a, p.3). Como consequência, tem-se que:

[...] deterioram-se as condições para pedestres e ciclistas. Gradualmente, calçadas estreitas foram ficando pontilhadas de placas de sinalização, parquímetros, postes, luminárias de rua e outros obstáculos colocados de modo a “não ficar no caminho”. Entenda-se, “no caminho do tráfego motorizado”, que é o que importa. Aos obstáculos físicos, juntem-se as frequentes interrupções no ritmo da caminhada causadas pelas longas paradas em semáforos, difíceis cruzamentos de ruas, passagens elevadas para pedestres e túneis subterrâneos desertos. Todos esses exemplos de organização da cidade têm um objetivo: proporcionar mais espaço e melhores condições para os carros. Como consequência, caminhar ficou mais difícil e menos atrativo. (GEHL, 2013a, p.91).

Visando reverter ou mitigar esse quadro de perda dos espaços caminháveis, surge uma literatura que objetiva compreender e defender a presença nas cidades (independente do seu porte), a possibilidade do andar e da escala humana. Nesse contexto, tem-se o âmbito da caminhabilidade. Roberto Ghidini (2011) define o conceito de caminhabilidade como: “[...] uma qualidade do lugar; o caminho que permite ao pedestre uma boa acessibilidade às diferentes partes da cidade, garantido às crianças, aos idosos, às pessoas com dificuldades de locomoção e a todos.” (GHIDINI, 2011, p.22).

Outra referência sobre os aspectos da caminhabilidade é a obra de Jeff Speck “Cidade caminhável (2016)”. No livro o autor aborda a chamada “Teoria Geral da Caminhabilidade”. Ele estabelece que para uma cidade ter boas condições de para a prática do andar, é preciso atender a quatro requisitos fundamentais: ser proveitosa, segura, confortável e interessante. Speck defende que primordial serem alcançadas de forma conjunta e não isoladas. A seguir, explica-se o que compreende cada um desses pontos:

*Proveitosa* significa que a maior parte dos aspectos da vida cotidiana está por perto e são organizados de tal modo que uma caminhada atenda às necessidades do morador. *Segura* significa que a rua foi projetada para dar aos pedestres uma chance contra acidentes com automóveis: os pedestres não têm apenas que estar seguros; precisam se sentir seguros, condição

ainda mais difícil de atender. *Confortável* significa que edifícios e paisagem conformam as ruas como “sala de estar ao ar livre”, em contraste com os imensos espaços abertos que, geralmente, não conseguem atrair pedestres. *Interessante* significa que as calçadas são ladeadas por edifícios singulares agradáveis e com fartura de sinais de humanidade. (SPECK, 2016, p.20-21).

O autor apresenta o que seriam os dez passos da caminhabilidade:

- A. Pôr o automóvel em seu lugar;
- B. Mesclar os usos;
- C. Adequar o estacionamento;
- D. Deixar o sistema de transporte fluir;
- E. Proteger o pedestre;
- F. Acolher as bicicletas;
- G. Criar bons espaços;
- H. Plantar árvores;
- I. Criar faces de ruas agradáveis e singulares;
- J. Eleger suas prioridades

Portanto, a partir do que foi exposto, concluímos que as áreas caminháveis para além de uma questão de garantir a urbanidade, é uma maneira de mitigar alguns dos mais sérios problemas urbanos, como por exemplo, a violência. Além do que, o ato do caminhar é uma forma de apropriação do espaço, conseqüentemente aumenta gradativamente o pertencimento das pessoas com o ambiente em que vivem e conseqüentemente contribuem para o reconhecimento do valor e preservação de áreas históricas (que são o nosso foco de análise).

## 2. *Inserção de arquitetura contemporânea e a relação com a estratificação das várias fases de desenvolvimento e transformação da cidade*

Tomando como premissa básica de que é impossível desvincular a preservação de centros históricos da necessidade de uso desta parcela das cidades, é imprescindível atentar que tais áreas estão sujeitas a intervenções que possibilitem seu uso atual<sup>10</sup>. Contudo, é necessário que tais intervenções sejam realizadas respeitando a ambiência do lugar.

Segundo Carbonara (1997, p. 523) “o nosso dever hoje é proteger e transmitir ao futuro todo o patrimônio histórico e artístico, em toda a sua riqueza temporal, desde a antiguidade até a atualidade”<sup>11</sup>. O autor também afirma que a cidade é submetida a

---

<sup>10</sup> É importante destacar que o termo intervenção usado neste trabalho corresponde a “toda alteração do aspecto físico, das condições de visibilidade, ou da ambiência de um bem edificado tombado ou da sua área de entorno, tais como serviços de manutenção e conservação, reforma, demolição, construção, restauração, recuperação, ampliação, instalação, montagem e desmontagem, adaptação, escavação, arruamento, parcelamento e colocação de publicidade” (IPHAN, 2010).

<sup>11</sup> No original: O nostro dovere è oggi di tutelare e tramandare al futuro l'intero patrimonio storico-artistico, in tutta la sua ricchezza temporale, dall'antichità all'attualità.

contínuos ciclos de manutenção e atualizações, mudando nos séculos adequando-se aos gostos de diversas épocas, mas conservando sempre sua identidade (1997, p. 526-528).

Segundo Sodano (2009) para o reconhecimento patrimonial de uma cidade é fundamental a capacidade de leitura histórica, tanto do seu tecido urbano como dos edifícios. É evidente que o reconhecimento da estratificação (evidências das várias fazes de transformação) de uma área histórica podem não ser facilmente identificadas/interpretadas por aqueles não possuem os instrumentos adequados (pessoas que não são das áreas de história, arquitetura, por exemplo). Entretanto, alguns sinais dessa estratificação podem e devem ser abordados para que todos (habitantes e visitantes) possam reconhecer.

Nesse sentido, tomaremos como base os conceitos de “autêntico” e “íntegro” apresentados como condição fundamental para qualificar uma cidade histórica/cultural na Lista de Patrimônio da Humanidade (Unesco).

Portanto, é imprescindível o entendimento destes termos para o devido reconhecimento/valorização de uma área histórica. Segundo Jukka Jokilehto (2006a), ao tratarmos sobre “*autenticidade*” deve-se ter em mente as noções de continuidade, mudança e verdade (a estratificação, ou seja, o reconhecimento das fases de transformação de uma área histórica). Já com relação à *integridade*, observa-se o estado de conservação do bem ou a sensação de completude ainda presente na matéria.

Nesse sentido, é importante que as intervenções/modernizações mais recentes nas áreas históricas sejam reveladas como “ato do nosso tempo”, ou seja, expressão sempre atual, mas respeitosa sobre o antigo para não interferir na sensação de completude presente na matéria.

## A narrativa do percurso errante e a identificação dos aspectos observados

O acesso a Città Sant’Angelo é feito principalmente por transporte automotivo privado ou transporte público (ônibus- com uma linha que conecta boa parte da Região do Abruzzo). A nossa chegada a comuna italiana, especificamente ao centro histórico da cidade, se deu por meio do transporte público (ônibus com itinerário: Pescara – Città Sant’Angelo, e teve a duração de aproximadamente cinquenta minutos). A última parada do ônibus (que foi o ponto de partida para o percurso errante) acontece nas bordas da área histórica que é delimitada pelos muros (Figuras 04 e 05).

A visão do muro (parcialmente preservado) possibilita, desde primeiro momento, o reconhecimento da área urbana mais antiga da cidade, possível graças ao estado de conservação (integridade) do mesmo, além do convite a adentrar a esta área por meio dos antigos portões (figuras 06 e 07).

Figura 04: Mapa da cidade, com destaque em vermelho para a área do centro histórico e em amarelo para o início do percurso.

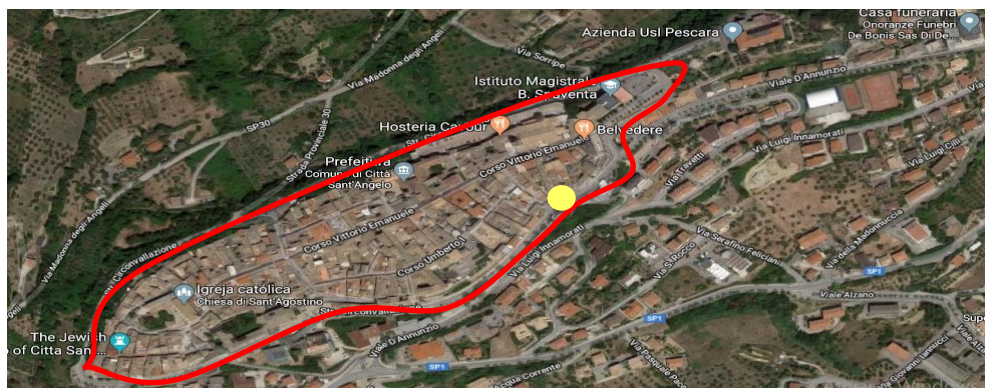


Figura 05: Local de parada do ônibus e início do percurso



Fonte: Google Street View, 2016.

Figura 06: Vista do Muro que circunda o centro histórico da cidade



Fonte: Monique Olimpio, 2018.

Figura 07: Vista do Muro que circunda o centro histórico da cidade, com destaque para um dos portões de acesso que foram preservados.



Fonte: Monique Olimpio, 2018.

Outro fator que merece destaque é a forma respeitosa com que a arquitetura circundante (que está fora dos muros) se apresenta neste contexto. Observamos a relação entre os conceitos de autenticidade e integridade. A nova arquitetura possui linguagem contemporânea, ou seja, respeita o conceito de autenticidade sem querer imitar um estilo anterior, mas não interfere na leitura do conjunto urbano antigo, mantendo assim a integridade do espaço envolvente. Exemplificamos com a inserção de duas escolas na área externa aos muros, que foram inseridas respeitando a escala e o relevo da região (Figuras 08-11).

Figura 08: Vista da cidade, com destaque para a inserção das escolas (em arquitetura contemporânea), sem interferir na leitura do conjunto histórico.



Fonte: Monique Olimpio, 2018.

Figura 09: Vista de uma das escolas (que na figura 08 estava destacada em vermelho), destaca-se a relação respeitosa com a escala do conjunto histórico.



Fonte: Monique Olimpio, 2018.

Figura 10: Vista de uma das escolas (que na figura 07 estava destacada em amarelo), destaca-se a relação respeitosa com a escala do conjunto histórico.



Fonte: Monique Olimpio, 2018.

Figura 11: Vista de uma das escolas (que na figura 07 estava destacada em amarelo), destaca-se a relação respeitosa com a escala do conjunto histórico.



Fonte: Monique Olimpio, 2018.



O acesso ao interior da cidade se deu por meio de um dos portões preservados (Figura 12), a partir deste momento, a cidade foi se revelando aos poucos. Mostrando um conjunto de imagens pitorescas graças ao seu traçado urbano irregular (Figuras 13 e 14). O que nos faz lembrar das palavras de Camilo Sitte (1981, p. 19):

[...] então se entende melhor as palavras de Aristóteles, segundo o qual todos os princípios da arte urbanística se reassemem na ideia que uma cidade deve oferecer aos habitantes segurança e, junto, felicidade. Tal objetivo só realizável se a construção da cidade não é considerada somente uma questão de técnica, mas também um problema da arte no sentido mais preciso e nobre do termo. Aconteceu assim, na antiguidade, no medievo, no renascimento [...]<sup>12</sup>.

Figura 12: Portão por onde se deu o acesso ao interior do centro histórico.



Fonte: Monique Olimpio, 2018.

Ainda com relação a preservação de visuais pitorescas, relembramos um trecho da Carta de Atenas (1931) ao recomendar que para “certos conjuntos, algumas perspectivas particularmente pitorescas devem ser preservadas”.

---

12 No original: [...] allora si capiscono meglio le parole di Aristotele, secondo il quale tutti i principi dell'arte urbanística si reassumono nell'idea che una città deve offrire agli abitanti sicurezza e, insieme, felicità. Tale obiettivo è realizzabile solo se la costruzione della città non è considerata semplicemente una questione di tecnica, ma anche un problema d'arte nel senso più preciso e nobile del termine. È avvenuto così nell'antichità, nel medioevo, nel rinascimento [...].

Figuras 13 e 14: Vista de um dos “becos” do centro histórico, mostrando a relação da cidade com a igreja e com a paisagem do entorno.



Fonte: Monique Olimpio, 2018.

Relembramos a importância que a construção das igrejas tiveram com a formação da cidade. Por quase todos os sentidos e ângulos da cidade percebe-se a presença das mesmas que estão muito bem conservadas. Exemplificamos com algumas visuais da cidade que contemplam a igreja de San Bernardo; uma com a igreja vista pelo lado de fora da sinta murária (Figura 15); e a outra por entre as ruas estreitas da cidade (Figura 16).

Figura 15: Vista da igreja de San Bernardo, por fora dos muros do centro histórico.



Fonte: Monique Olimpio, 2018.

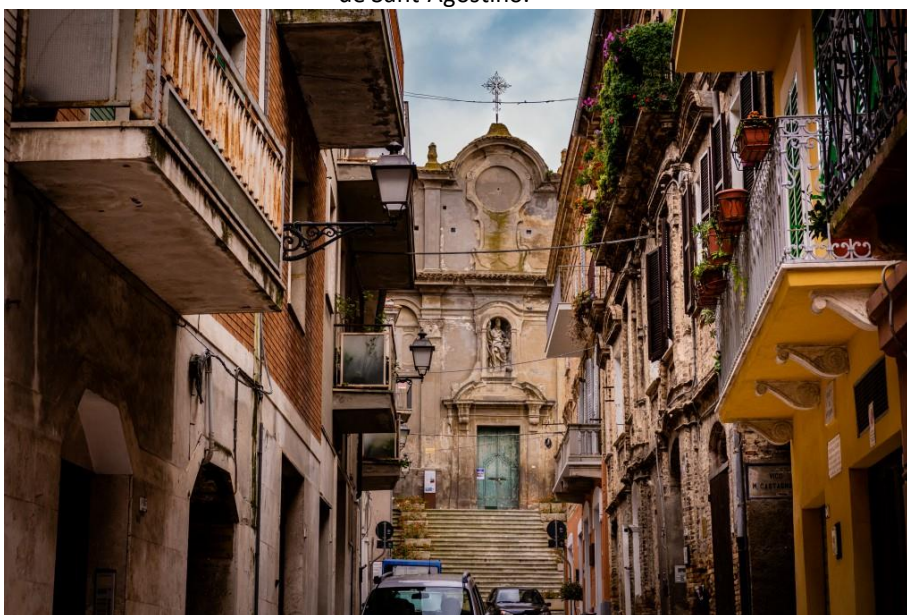
Figura 16: Uma das vistas que se revelam ao adentrarmos pelo portão de acesso. Nota-se a relação da cidade com a igreja de San Bernardo.



Fonte: Monique Olimpio, 2018.

Ainda como exemplo desta relação das igreja com a cidade, apresentamos a Igreja de Sant'Agostino, edificada no ponto mais alto da cidade, no mesmo lugar da construção mais antiga, uma igreja dedicada a Santa Maria, sendo concedida pelo Rei Roberto d'Angiò, no ano de 1314, a ordem dos Padres Agostinianos para a construção do convento (Figuras 17 e 18). Esta foi uma das surpresas mais interessantes do percurso, pois a mesma vai se revelando a medida que nos aproximamos dela.

Figura 17: Uma das vistas que se revelam durante o percurso. Nota-se a relação da cidade com a igreja de Sant'Agostino.



Fonte: Monique Olimpio, 2018.

Figura 18: Uma das vistas que se revelam durante o percurso. Nota-se a relação da cidade com a igreja de Sant'Agostino.



Fonte: Monique Olimpio, 2018.

Possivelmente a igreja de Sant'Agostino, ao longo dos anos, passou por diversas transformações mudando sua configuração originária. A conformação atual é fruto de uma intervenção no ano de 1789, os únicos elementos visíveis da igreja primitiva são as partes residuais da torre campanaria (Figura 19).

Figura 19: Torre da igreja primitiva que hoje é a igreja de Sant'Agostino .



Fonte: <https://visitcittasantangelo.it/luoghi/chiesa-sant-agostino>-acesso novembro 2018

Outro ponto que nos chamou atenção foi a presença de placas informativas nos principais pontos da cidade, como também com informações sobre os edifícios mais

importantes, através do sistema de QR Code, o percurso fica interativo, uma vez que as principais informações podem ser transmitidas enquanto se caminha, contribuindo para o reconhecimento do patrimônio da cidade (Figura 20).

Figura 20: Exemplo de placa informativa, com uso do QR Code.



Fonte: Monique Olimpio, 2018.

Retomando a questão da inserção da arquitetura contemporânea e sua relação com o contexto urbano de valor patrimonial, foi possível correlacionar os conceitos de autenticidade e integridade do centro histórico, ou seja, os prédios novos são em linguagem contemporânea, deixando claro ao observador a estratificação da cidade (suas transformações), contudo, não interferem na leitura do conjunto urbano consolidado (histórico).

Dois exemplos se destacaram neste sentido: o primeiro é o do prédio que abriga o Poste- correio italiano (Figura 21) que está situado na principal rua do centro histórico, em frente a monumental igreja de San Michele Arcangelo (Figuras 22 e 23). Pelas imagens é possível perceber que se trata de uma edificação nova, mas que respeita a arquitetura circundante com a utilização da escala, gabarito e materiais apropriados.

Figura 21: Prédio do Poste – Inserção arquitetônica contemporânea que respeita a relação de escala, gabarito e materiais do contexto de valor patrimonial.



Fonte: Monique Olimpio, 2018.

Figura 22: Igreja de San Michele Arcangelo



Fonte: Monique Olimpio, 2018.

Figura 23: Prédio do Poste – Inserção arquitetônica contemporânea que respeita a relação de escala, gabarito e materiais do contexto de valor patrimonial.



Fonte: Google Street View, 2016.

Durante o percurso, foi possível observar outros edifícios de construção mais recente, mas que se inserem na paisagem urbana de forma respeitosa ao conjunto edificado. Apresentamos mais um exemplo com um prédio (de uso misto- hotel, restaurante e cafeteria) localizado na borda leste do centro histórico, no limite da cinta muraria. Que apesar de não apresentar mais os muros, é possível ainda perceber que esta é área que delimita o fim da cinta muraria (Figura 24).

Figura 24: Imagem da borda leste da sinta muraria, com destaque em vermelho para o edifício de usos misto que conserva a proposta de gabarito e escala dos demais edifícios da cidade, mesmo com características arquitetônicas diferentes.



Fonte: Monique Olimpio, 2018.

Com relação ao aspecto de modernização (adaptação às necessidade contemporâneas), merece destaque o tratamento que a cidade oferece aos automóveis. Como as vias da cidade são estreitas, típicas do traçado medieval, a questão do estacionamento para moradores e visitantes foi resolvida com a ampliação das bordas da cidade. Os estacionamentos (a maior parte deles) ficam para o lado de fora dos muros circundantes (Figuras 25). Fato que, a nosso ver, é bastante interessante, uma vez que diminui o fluxo de veículos nas vias estreitas proporcionando o fluxo dos pedestres, e conseqüentemente, conforme já abordamos, favorece o sentimento de pertencimento e reconhecimento do valor cultural da cidade.

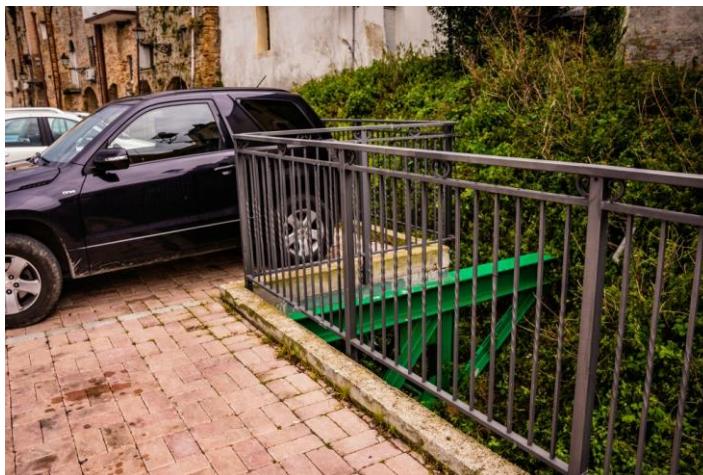
Figura 25: Um dos estacionamentos da cidade que fica do lado de fora dos muros da área histórica.



Fonte: Monique Olimpio, 2018.

Ainda com relação ao estacionamento- na área externa aos muros da cidade, é importante ressaltar que mais uma vez esta renovação/ampliação da área da cidade se apresenta de maneira respeitosa em relação ao preexistente. O estacionamento não está colado aos muros que limitam o centro histórico, mas deslocado e fixado nas encostas da colina por meio de estrutura metálica. Intervenção contemporânea que mais uma vez se apresenta autêntica (com materiais atuais), mas de forma respeitosa e reversível (Figura 26).

Figura 26: Detalhe da inserção do estacionamento que não está “colado” nos muros do centro histórico sendo fixado a encosta com estrutura metálica.



Fonte: Monique Olimpio, 2018.

Outro fator que nos chamou atenção foi a acessibilidade ao centro histórico da cidade. Como a cidade está no alto da encosta, a questão da acessibilidade aos moradores e visitantes é um elemento crucial para usabilidade e fruição urbana. Para tanto, elevadores e escadas de acesso estão localizados em áreas estratégicas da cidade, nas bordas dos muros, possibilitando o acesso a via principal do centro histórico (Corso Vittorio Emanuele) que abriga os principais monumentos e possui diversidade de usos (residencial, comercial, institucional).

A via Corso Vittorio Emanuele se inicia ao norte com a igreja de Sant’Agostino (rever Figuras 17 e 18), é também a via de acesso a Igreja San Michele (rever Figura 22) e finaliza, no lado leste, com o prédio de uso misto (rever Figura 24).

Outro ponto que merece destaque em nossa análise é que a linguagem arquitetônica destas escadas e elevadores de acesso é pautada no princípio da autenticidade, ou seja, são feitas com materiais atuais (Figuras 27 e 28).



Figuras 27 e 28: Detalhe da inserção dos elevadores que possibilitam acesso ao centro histórico.



Fonte: Monique Olimpio, 2018.

Diante da narração do percurso realizado- dos principais pontos do centro histórico, podemos apontar que o (re)conhecimento do patrimônio cultural de Città Sant'Angelo é facilitado pois a mesma propicia condições a caminhabilidade, considerando os seguintes aspectos: possui faces de ruas agradáveis e singulares, por meio da preservação dos edifícios antigos e da relação respeitosa dos novos edifícios ao contexto, além da manutenção das vias estreitas com suas perspectivas pitorescas; prioriza o pedestre; põe o automóvel em seu lugar limitando o fluxo de veículos ao centro histórico e adequando o estacionamento à área externa dos muros da cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer as ruas de Città Sant'Angelo, foi possível observar que, ainda hoje, o antigo burgo italiano preserva grande parte dos elementos que caracterizam sua conformação urbana tipicamente medieval. Mantendo conservada sua ambiência por meio da preservação da sinta muraria e seus portões, das vielas estreitas com suas perspectivas pitorescas, além da preservação dos palácios nobres e das igrejas que tiveram um importante papel na formação da cidade, proporcionando ao centro histórico uma notável dimensão artística e cultural.

Destacamos também a importância que a arquitetura contemporânea tem neste processo de (re)conhecimento e valorização dos centros históricos. Observamos que é possível uma integração entre a arquitetura contemporânea e o tecido urbano e edificado de valor patrimonial. A arquitetura mais recente, apesar de se revelar como “ato do nosso tempo”, ou seja, de forma autêntica, não interfere na sensação de completude de uma ambiência de valor patrimonial e, conseqüentemente, seu reconhecimento.

Diante do exposto podemos concluir que a metodologia do caminhar pela cidade é uma excelente maneira de (re)conhecimento do patrimônio cultural edificado de uma cidade, considerando inclusive as transformações ocorridas aos longos dos anos (os

estratos). Contudo, esta metodologia se mostra bastante apropriada se as intervenções contemporâneas permitam a caminhabilidade das áreas históricas.

## REFERÊNCIAS

- CARBONARA, Giovanni. *Avvicinamento al Restauro – teoria, storia, monumenti*. Milano: Liguori Editore, 1997.
- CARERI, F. *Transurbância + Walkscapes Ten Years Later*. REDOBRA, v. 11, p. 235-247, 2013a.
- \_\_\_\_\_. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. 1ª ed. São Paulo: G. Gili, 2013b.
- \_\_\_\_\_. *Caminhar e Parar*. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.
- CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESPE: 2006.
- FERNANDES, G. D. A. *Urbanos como prática patrimonial no cpc: relato da experiência de 2015*. CPC, v. 21, p. 173-185, 2016.
- GEHL, J. *Cidade Para Pessoas*. 2.ed. São Paulo: PERSPECTIVA, 2013a.
- \_\_\_\_\_. *La humanización del espacio urbano – La vida social entre los edificios*. Barcelona: Reverté, 2013b.
- GHIDINI, R. *A caminhabilidade: medida urbana sustentável*. *Revista dos Transportes Públicos*, v. 33, p. 21-33, 2011.
- JACQUES, P. B. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012a.
- \_\_\_\_\_. *Experiência errática*. *Redobra*. 9: 192-204 p. 2012b.
- JOKILEHTO, J. *Considerations on authenticity and integrity in World Heritage context*. *City & Time*, v. 2, 2006a.
- KÜHL, B. M. *A restauração como campo disciplinar autônomo*. *Museu Histórico Nacional*, v. 40, p. 351-373, 2009.
- MUÑOZ\_VIÑAS, S. *Contemporary Theory of Conservation*. Oxford: Elsevier Butterworth-Heinemann, 2005.
- MUSSO, Stefano Francesco. *Conservazione, restauro e patrimonio mondiale dell'umanità*. *Rivista Materiali e strutture. Problemi di conservazione*, Nuova serie, anno IV, n.7, 95-110, 2015.
- NASCIMENTO, J. C. D. *(Re) Descobriram o Ceará? Representações dos sítios históricos de Icó e Sobral: entre areal e patrimônio nacional*. 2ª ed. Salvador: EDUFBA:PPGAU, 2013.

- NASCIMENTO, J. C. D.; VIEIRA, N. M. *A cristalização da 'eterna imagem do passado' nas práticas preservacionistas dos sítios históricos brasileiros: perspectivas para a sua superação?* . II Encontro Nacional da ANPARQ- Teorias e Práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas. Natal: Editora da UFRN 2012.
- OLIMPIO, M. L. V. *O registro de Procedimentos Metodológicos para Projetos de Intervenção Arquitetônica no Patrimônio Edificado: o caso de Natal/RN*. 2015. Dissertação de Mestrado Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN.
- OLIMPIO, Monique. L. V.; GOES, Gersica. V., *Patrimônio Cultural e Sustentabilidade: aspectos da intervenção em edifícios de valor patrimonial*, In: Congresso Ibero-Americano, 2016, Lisboa.
- RENELLUCCI, Sandro. *Il Restauro Urbano: Teoria e prassi*. Torino: UTET Libreria: 2003.
- SCOCUGLIA, J. B. C. *Revitalização Urbana e (re)invenção do centro histórico na cidade de João Pessoa (1987-2002)*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB: 2004.
- SODANO, Cecilia. *Patrimonio edilizio: fondamentale la capacità di lettura storica*. AR- Rivista bimestrale dell'ordine degli architetti di Roma e provincia, n.84, p.50-53, 2009.
- SPECK, J. *Cidade caminhável*. 1. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- STRAPPA, Giuseppe. *Valorizzazioni e valori*. AR- Rivista bimestrale dell'ordine degli architetti di Roma e provincia, n.84, p.33-35, 2009.
- TIESDELL, S.; OC, T.; HEATH, T. *Revitalizing Historic Urban Quarters*. Oxford: Architectural Press: 1996. 234.
- THOMAS, R. *Oficina "Fazer corpo, tomar corpo, dar corpo às ambiências urbanas"* – Cresson. *REDOBRA*, v. 10, p. 86-93, 2012.
- TORELLY, L. P. P. *Notas sobre a evolução do conceito de patrimônio cultural*. *Fórum Patrimônio*, v. v.5, n.2, 2012.
- VEDESCO, Fabrizio. *Beni culturali: progettare per una "utenza ampliata"*. AR- Rivista bimestrale dell'ordine degli architetti di Roma e provincia, n.84, p.35-36, 2009.